

## MESTRE JOÃO RIBEIRO, MEIO SÉCULO DEPOIS

Ernani Silva Bruno

Vale a pena lembrar, meio século depois de sua morte, essa extraordinária figura do mundo intelectual brasileiro que foi João Ribeiro — historiador, ensaísta, folclorista, filólogo, crítico, ficcionista e até poeta, embora ele próprio costumasse dizer, ironicamente, que no Brasil o difícil não era fazer versos, mas deixar de fazê-los. E que, em virtude mesmo dessa versatilidade, nunca pôde ser devidamente catalogado — como observou um crítico — em determinado cubículo de nossa história literária.

Versatilidade que se devia, obviamente, à sua insaciável fome de saber, que o levara na mocidade a se matricular na Faculdade de Medicina da Bahia e na Politécnica do Rio de Janeiro. A prestar concurso para a cadeira de Português do Colégio Pedro II e ser nomeado para a de História Universal. E até a estudar pintura, por mais de um ano, durante sua estada na Alemanha.

João Ribeiro era “curioso, original e forte” — escreveu Tristão da Cunha — em tudo o que produziu. Esse tudo era a série imensa de colaborações publicadas nos jornais do Rio de Janeiro e de São Paulo e algumas dezenas de livros em que se destacam — além de seus clássicos compêndios de Gramática Portuguesa e de História do Brasil — “O Fabordão”, “Frases Feitas”, “A língua nacional”, “O elemento negro” e “Páginas de Estética”.

O livro que sobre ele, há tempos, escreveu seu filho Joaquim Ribeiro ( com o sugestivo título de “9.000 dias com João Ribeiro” ) revela que, na intimidade, aquele homem que vivia mergulhado na leitura de severos livros e na busca incessante dos meandros e dos segredos da História e da Língua, sabia ser um conversador vivo, irônico e até brincalhão. Como quando contava o caso do matuto sergipano que conhecera em seu tempo de meninice e que ele considerava um precursor de Santos Dumont. Porque de vez em quando ia roubar cocos do coqueiral de uma fazenda, à beira de um rio. E quando descoberto no alto de uma árvore e ameaçado pelo fazendeiro, agarrava-se a duas palmas que lhe serviam de asas gigantescas e, atirando-se lá de cima, ia cair são e salvo na outra margem.

Conta-se que na Academia Brasileira de Letras, em uma tarde em que se conversava sobre quem teria ali a pose perfeita de um

acadêmico, João Ribeiro, consultado, fingiu vacilar na resposta: — “Eu não sei se é o Gustavo Barroso ou o Fidelis”. Fidelis era o porteiro da Academia.

Por ter nascido no dia 24 de junho, Humberto de Campos chamava-o de São João Ribeiro e lamentava que ele fosse obrigado a dispersar sua atividade e seu talento para sobreviver. “Em um país de acurada cultura, um homem de sua estatura intelectual seria o ídolo de todos os homens de pensamento”.

Mas o próprio Humberto de Campos reconhecia que João Ribeiro — mesmo neste Brasil sem acurada cultura — não perdera, já idoso, seu prestígio perante as gerações novas de seu tempo. Talvez porque seu equilíbrio e sua imensa erudição não permitiam que ele se fossilizasse. Lembre-se que sua “História do Brasil”, aparecida em 1900, apoiava-se em uma visão científica da historiografia, ultrapassando o nível tradicional do registro apenas fatural das coisas. E que, sendo uma das maiores e indiscutidas autoridades no conhecimento da língua portuguesa — como escreveu Tristão de Ataíde — foi ao mesmo tempo um partidário da inovação brasileira do velho idioma. Não perdoava um gramático arcaizante de seu tempo, chamado Melo Carvalho, que usava e abusava de palavras e frases obsoletas, como **avondança**, **porende** e outras. E que, censurado por João Ribeiro, dissera que tais palavras não eram invenções suas, pois estavam nos dicionários e nos autores. Ao que João Ribeiro respondia sarcasticamente: — “O que eu estranho é que estejam em Melo Carvalho, que nem é dicionário, nem autor...”

Com seu espírito aberto às inovações, foi capaz de se mostrar, já com mais de 50 anos de idade (nascera em 1860 em Laranjeiras, Sergipe) simpático às experiências de renovação literária que se esboçavam no Brasil, na segunda década do século atual, intimando seus companheiros de parnasianismo, Bilac e Alberto de Oliveira, a renovarem sua poética sob pena de serem ultrapassados pelos novos da época.

Foi ainda Humberto de Campos — um ano antes da morte de João Ribeiro — quem lhe pintou o retrato da velhice e o vulto de sua erudição, nestas comovidas palavras: “Quem o vê atravessar a cidade, as mãos cruzadas nas costas, o passo tardio e cansado de quem carrega aos ombros, em um saco, todas as idéias do século, mal adivinha o homem que ali vai e a fortuna de que é depositário descuidado”.